

Citricultura

Acerto na cadeia produtiva

Evaristo Marzabal Neves*
Luciano Rodrigues**

SE A LARANJA estava azeda, agora o suco está amargo: em 22 de novembro o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) do Ministério da Fazenda, por unanimidade, rejeitou a proposta apresentada pelas indústrias de suco de laranja em que se comprometeram com a Secretaria de Defesa Econômica (SDE) do Ministério da Justiça a:

- Pagar R\$ 100 milhões para encerrar o processo de investigação de formação de cartel no setor;
- Suspender as práticas apontadas como irregulares e o governo teria de devolver documentos apreendidos no começo de 2006, durante buscas nos escritórios das indústrias.

O caso é investigado desde 1999, iniciado com a denúncia dos citricultores que as indústrias vêm, sistematicamente, dividindo o mercado e fixando os mesmos preços para a compra da caixa de laranja.

Em fins de novembro continuava o impasse entre os citricultores e a indústria na tentativa de harmonização do setor para melhor repartição dos benefícios do mercado, expresso pelos recordes de preços alcançados pelo suco de laranja no mercado internacional. Há uma oferta reduzida diante das frustradas produções na Flórida (estimativa de 135 milhões de caixas na safra 2006/07) e em São Paulo (estimativa de 348,3 milhões de caixas) e, ainda, baixos estoques brasileiro e norte-americano.

Enquanto isso, em meados de novembro, o aperto no balanço da oferta e demanda, fazia a Bolsa de Nova Iorque registrar a maior cotação dos últimos 16 anos, ao passar de US\$ 2 por libra-peso. Novembro fechou com 7,14% a mais na cotação, em relação a outubro passado, com uma evolução sensacional de 56,70% no ano (janeiro a novembro 2006) e 62,99% em doze meses (dezembro 2005 a novembro 2006).

O cenário é de falta de suco. A produção brasileira adicionada aos reduzidos estoques não consegue atender a demanda. Diante da menor exportação em volume

e de preços mais atrativos, a balança comercial do ano civil 2006 registrará maior captação de divisas com o suco.

Um balanço do ocorrido entre julho e outubro na atual safra em relação a 2005 evidencia uma queda nas exportações em volume físico, com retrações nas importações em todos os blocos (União Européia com -13,7%, Nafta com -9,3%, Ásia – principalmente China e Japão, com -42,3%, Mercosul com -40,0%) e evolução apenas no Leste Europeu, Oriente Médio, Austrália e outros, com crescimento de 30,6%.



Brasil: Exportação de suco – julho a junho

Safra 2004/05	US\$ 1, 112 bilhão
Safra 2005/06	US\$ 1, 210 bilhão

Fonte: Secex

Brasil: Exportação de suco

Julho a outubro	Safra 2005/06	483,5 mil toneladas
	Safra 2006/07	433,8 mil toneladas
	Variação	-10,6%
Janeiro a outubro	2005	1.190,3 mil toneladas
	2006	1.085,2 mil toneladas
	Variação	-8,8%

Fonte: Secex

Brasil: preço médio anual de exportação de suco concentrado congelado

Ano	Preços (US\$ FOB Santos)
2002	866,92
2003	863,54
2004	781,66
2005	751,72
Média jan-nov/06	1.134,27
Menor valor/06 (janeiro)	835,80
Maior valor/06 (julho)	1.272,30

Fonte: Indicadores e estatísticas (Secex/MDIC, dez./06)

O mesmo ocorreu no ano civil, quando considerados 2005 e 2006. Houve uma retração de 8,8% (exportações entre janeiro e outubro de 2005 e entre janeiro e outubro 2006). A retração na União Européia chegou a -11,4%, no Nafta a -12,1%, na Ásia a -22,6%, no Mercosul a -50,0%, só sendo positiva no Leste Europeu, Oriente Médio, Austrália e outros, com um aumento de 52,1%.

Ascensão nos preços

As cotações alcançadas pelos citricultores para a caixa de laranja posta no portão da indústria, de janeiro de 2004 a novembro de 2006, mostram evolução. A partir de julho/06, os preços alcançam dois dígitos, com tendência de manutenção em 2007. A menor cotação aconteceu em abril de 2004.

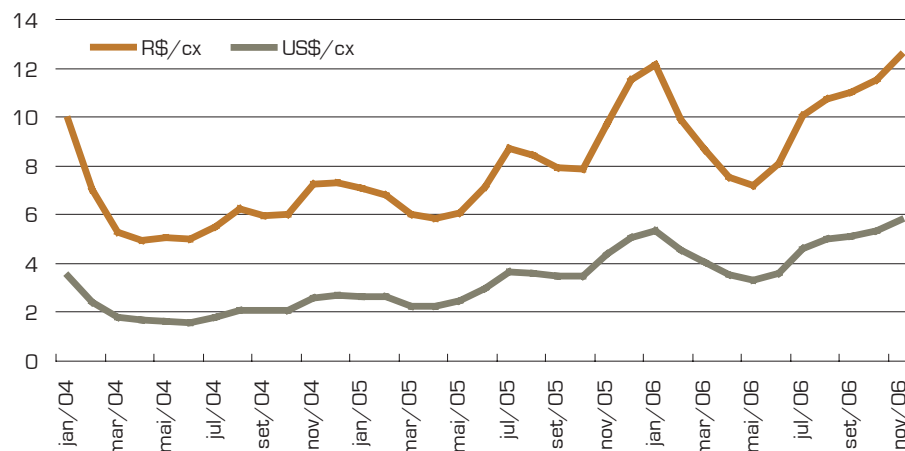
Quando se faz a conversão para dólar, a valorização do real mostra que os valores, neste final de 2006, superam os US\$ 5,50 a caixa, diante de preços ao redor de US\$ 2 a caixa em 2004.

Para a laranja-pêra colocada no mercado interno os preços alcançados pelos citricultores superam os daqueles que entregam a laranja no portão da indústria. O maior preço em real foi em fevereiro de 2006, igualmente quando se faz a conversão para dólar. O menor foi registrado em agosto 2004. Geralmente, maiores preços são alcançados no fim e nos primeiros meses do ano devido principalmente ao período de entressafra e da maior demanda pela fruta (sucos, refrescos etc.) no verão.

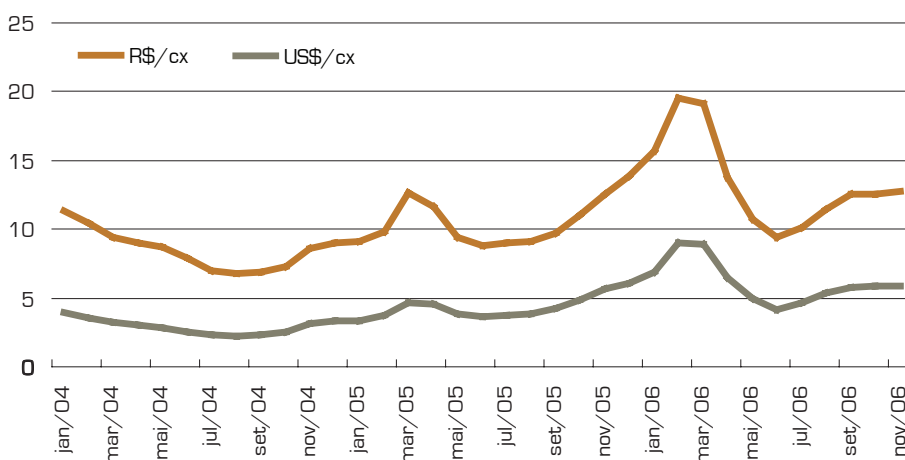
Indicador de preços em alta, o valor registrado na Bolsa de New York capta com maior força o balanço de oferta e demanda mundial, mas também os sinais de futuro na Florida. São severos os impactos negativos provocados pelos furacões em 2004, principalmente pelo Wilma em 2005, na produção da Florida.

A partir de setembro 2004 os preços da tonelada passaram de US\$ 1000 e chegaram a US\$ 2.823, a maior cotação obtida nos últimos 16 anos. Desde abril 2006, a cotação média mensal na Bolsa de Nova York sempre ficou acima dos US\$ 2 mil.

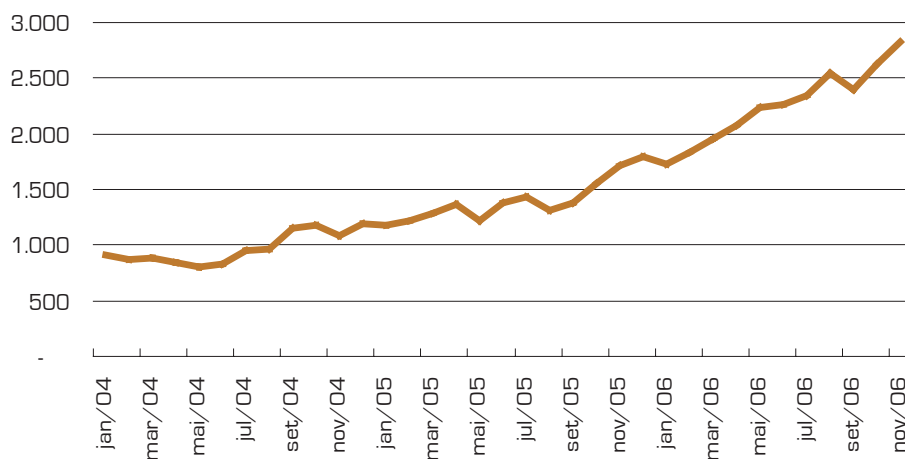
São Paulo: preço médio da caixa de laranja no portão da indústria



São Paulo: preço médio da caixa da laranja-pêra para o mercado interno



Bolsa de Nova York: cotação mensal do suco de laranja concentrado e congelado (US\$/t)



Citricultura

Mudanças no campo

A análise dos preços dos dois últimos anos mostra uma variação relativa sempre acima de 50%, exceção a janeiro de 2006, quando o preço médio ficou 47,6% maior que o do mesmo mês de 2005.

Se, de 2002 a 2005, os preços médios anuais não superaram os US\$ 900, o ano de 2006 deverá fechar com um preço médio acima dos US\$ 1.100, pois a média de janeiro a novembro de 2006 já estava em US\$ 1.134.

Escassez na oferta

As cotações mensais obtidas pelo suco de laranja dão sinais de escassez na oferta mundial do produto diante de uma demanda crescente paulatinamente em mercados como o do Leste Europeu, Oriente Médio e mesmo o asiático.

O mercado produtor americano ainda demorará a apresentar uma recuperação, pois os estragos e danos causados pelos furacões e pela disseminação de doenças levadas pelos fortes ventos e tempestades tropicais impedem uma resposta à evolução de preços do suco no mercado internacional.

No Brasil, o ano 2006 evidenciou o recrudescimento do conflito entre citricultores e indústria, sem encontrar ainda soluções para as pendências no Cade e na SDE do Ministério da Justiça. Ademais, mesmo com preços mais atrativos internamente, a área plantada com laranja no norte e nordeste paulista perde espaço para a cana e desloca sua fronteira para a região considerada como Sul Novo (regiões de Botucatu, Itapetininga e próximas). Estudos apontam para criação de um novo pólo citrícola no nordeste nas áreas passíveis de irrigação. Resta esperar 2007 para ver e sentir os novos movimentos da citricultura.

Por tudo isso, é fundamental haver um acerto na cadeia produtiva, para que este bom momento de preço possa se transformar em algo duradouro. ■

* Professor do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – Esalq/USP.
E-mail: emneves@esalq.usp.br

** Mestre em Economia Aplicada – Esalq/USP.
E-mail: lurodrig@esalq.usp.br

O PARQUE produtor da citricultura paulista possui forte consolidação competitiva em termos mundiais, apesar de ser palco de importantes mudanças estruturais. O seu ambiente de negócio sofre a influência de pelo menos quatro variáveis:

- A disseminação das doenças do cancro cítrico, morte súbita, greening e cvc;
- A pressão no custo de produção com a valorização do real diante do dólar;
- Competição pela terra com a expansão da cana-de-açúcar;
- A migração geográfica.

Estima-se que, no período pós 2001, somente em função das doenças, a pro-

dução anual de caixas no estado tenha sofrido uma perda de 25 a 30 milhões de caixas, correspondentes a quase 10% da produção total. É um prejuízo respeitável, quando se toma um preço médio de US\$ 3 a caixa.

Esse quadro faz com que o desenho da citricultura ganhe novo contorno no estado. Em número de pés, a quantidade erradicada supera o dos novos plantados. Ao mesmo tempo o espaçamento encolhe e a densidade de árvores por hectare cresce. A área ocupada reduz-se e há também uma migração do pomar, enquanto a prática da irrigação fica cada vez mais freqüente.

Item	Área		Distribuição [%]		Árvores	
	Hectares	var %	Norte	Sul	Produção (mil t)	%
2000						
Área produtiva	822.500	100	55	45	163.800	100
2000 a 2005						
Área erradicada	149.500	18				
Área plantada	83.300	10				
2005	756.300	92	45	55	152.800	93
2010						
Área produtiva	700.000	81	38	62	155.000	85

Fonte: Abecitrus

Estado de São Paulo: parque citrícola

Item	Safra 04/05	Safra 05/06	Safra 06/07
Área plantada (mil hectares)	866	851	856
Área colhida (mil hectares)	542	548	553
Árvores em produção (milhões de pés)	160	162	164
Árvores novas (milhões de pés)	45	37	37
Produção (milhões de caixas)	380	320	360
Exportação (milhão de caixas)	2	1	2
Consumo doméstico (milhões de caixas)	50	40	50
Fruta processada (milhões de caixas)	328	275	308

Fonte: Abecitrus/IEA